



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Universitário Santo Agostinho

revista**f****s****a**

www4.unifsanet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 22, n. 8, art. 7, p. 112-127, ago. 2025

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2025.22.8.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



O Poder das Imagens e das Narrativas Visuais: Geopolítica da Crise no Canal de Suez/Mar Vermelho

The Power of Images and Visual Narratives: Geopolitics of the Suez Canal/Red Sea Crisis

Zaqueu Luiz Bobato

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná

Professor Formador no curso de Geografia Licenciatura UAB da Universidade Estadual de Ponta Grossa

E-mail: zaqueudegeo@gmail.com

Endereço: Zaqueu Luiz Bobato

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Avenida
Fernando Corrêa da Costa, nº 2.367, Cuiabá, Mato
Grosso, Brasil – CEP 78060-900.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

**Artigo recebido em 30/07/2025. Última versão
recebida em 13/08/2025. Aprovado em 14/08/2025.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo analisa o papel dos infográficos como mediadores cognitivos e políticos na cobertura da crise do Mar Vermelho/Canal de Suez (janeiro de 2024). Partindo de aportes teóricos de Mondzain (2016), Rodrigues e Oliveira (2019) e Bobato e Fraga (2016), investiga-se como essas representações visuais operam como dispositivos de seleção e silenciamento, instituindo regimes de visibilidade que legitimam determinadas narrativas geopolíticas. Por meio de uma análise semiótico-cartográfica comparativa, examinam-se dois infográficos-chave: um da *Reuters*, focado em eficiência logística, e outro do *Brasil de Fato*, que amplia a escala geopolítica do conflito. Os resultados demonstram que elementos como paletas cromáticas, hierarquias visuais e enquadramentos espaciais não apenas comunicam dados, mas performam realidades, naturalizando métricas de risco e mobilizando afetos. Conclui-se que os infográficos são artefatos epistêmicos ativos, cuja leitura crítica exige desvelar as escolhas que orientam o que é mostrado (e ocultado) nas disputas pelo espaço marítimo global.

Palavras-chave: Infográficos. Geopolítica. Canal de Suez. Semiótica Visual. Regimes de Visibilidade.

ABSTRACT

This article examines the role of infographics as cognitive and political mediators in coverage of the Red Sea/Suez Canal crisis (January 2024). Drawing on the theoretical contributions of Mondzain (2016), Rodrigues and Oliveira (2019), and Bobato and Fraga (2016), it investigates how these visual representations function as devices of selection and silencing, establishing regimes of visibility that legitimize specific geopolitical narratives. Through a comparative semiotic-cartographic analysis, two key infographics are analyzed: one from *Reuters*, centered on logistical efficiency, and another from *Brasil de Fato*, which broadens the conflict's geopolitical scale. The findings show that elements such as color palettes, visual hierarchies, and spatial framings not only communicate data but also perform realities, naturalizing risk metrics and mobilizing affect. The study concludes that infographics are active epistemic artifacts whose critical reading requires unveiling the choices that guide what is shown—and what is concealed—in disputes over global maritime space.

Keywords: Infographics. Geopolitics. Suez Canal. Visual Semiotics. Regimes of Visibility.

1 INTRODUÇÃO

Os infográficos sobre a crise do Mar Vermelho/Canal de Suez (publicados em janeiro de 2024) condensam múltiplas escalas marítimas, militares e logísticas num mesmo plano visual. Essa condensação não é neutra: a imagem opera como dispositivo de seleção e de silenciamento, instituindo um regime de visibilidade que decide o que pode ou não ser visto no espaço. Segundo Mondzain (2016), quando as imagens se tornam coextensivas ao sistema que as abriga, deixam de ser operantes. Trata-se, portanto, de reconhecer que o poder epistêmico de um infográfico reside tanto no que ele expõe quanto no que ele oculta.

No âmbito da Ciência geográfica, Bobato e Fraga (2016) recordam que toda fotografia carrega a perspectiva ideológica de quem a produz, convertendo-se em signo interpretativo e não em simples ornamento. Tal advertência é crucial quando migramos da fotografia estática para infográficos digitais dinâmicos: camadas de dados, setas e paletas cromáticas reforçam leituras geopolíticas específicas e, por isso, requerem um escrutínio metodológico rigoroso.

Rodrigues e Oliveira (2019) descrevem essas composições como “dispositivos de inscrição”, isto é, artefatos que materializam e legitimam argumentos científicos ao torná-los visualmente evidentes. Aplicado ao estudo de caso, isso significa analisar como escalas cartográficas, fluxos de navios e iconografia bélica são articulados para sustentar narrativas sobre segurança energética global e disputas de poder no Oriente Médio.

À luz desses aportes teóricos, a presente investigação objetiva demonstrar como os infográficos selecionados funcionam como mediadores cognitivos e políticos, produzindo efeitos de verdade sobre a crise do Mar Vermelho. A discussão avançará em sete seções: fundamentação conceitual, metodologia de análise semiótica/cartográfica, história do olhar geográfico, estudo de caso das Figuras 1 e 2, discussão dos achados e conclusões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Regime de visibilidade e economia do olhar

Mondzain (2016) parte da premissa de que nenhuma imagem é neutra: seu valor epistemológico decorre do trânsito incessante entre ver e fazer-ver. Na entrevista “Imagem, sujeito, poder”, a filósofa observa que o controle industrial e comercial das imagens está inteiramente centrado na ideia de que elas sejam coextensivas ao discurso que as habita, condição para vender ideias, pessoas, coisas. Essa coextensividade remete a uma economia

político-estética em que a circulação do visível é regulada por instâncias de poder que determinam quem pode mostrar o quê.

Mondzain (2016) retoma a querela bizantina entre ícone (*eikon*) e ídolo (*eidolon*) para sublinhar que a idolatria não está no objeto, mas no olhar que reifica a imagem. Quando destruí o ícone, vosso olhar é que se torna idólatra, pois vê apenas o objeto (MONDZAIN, 2016). A distinção institui dois polos: o olhar crítico, que reconhece a fragilidade semântica da imagem, e o olhar idólatra, que transforma aparências em verdades peremptórias. Numa era de *dashboards*¹ interativos e mapas animados, tal dialética explica por que certo infográfico pode simultaneamente esclarecer rotas navais e legitimar narrativas militarizadas sobre “ameaças” no Mar Vermelho.

O conceito de regime de visibilidade também implica pensar a patologia da imagem moderna. Ao discutir a constituição subjetiva, Mondzain (2016) afirma que não há sujeito sem imagem; privar indivíduos ou coletivos de representação é reduzir-lhes a agência política. Quando portais noticiosos saturam a crise do Canal de Suez com gráficos de risco, eles não apenas informam: moldam a percepção global de segurança energética, reforçando relações de dependência entre produtores de visualização e públicos consumidores.

2.2 Imagens como dispositivos de inscrição científica

Rodrigues e Oliveira (2019) adotam o termo dispositivo de inscrição para designar qualquer artefato que estabilize enunciados científicos por meio da visualidade. Inspiradas em Latour, definem: no texto científico, qualquer estrutura que possibilite uma exposição visual pode adquirir força probatória (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019). A credibilidade, contudo, não reside no aparato técnico, mas nos usos que enquadram a inscrição como prova.

Em infográficos portuários, linhas de fluxo, ícones de petroleiro e paletas de risco convertem dados de Sistema de Identificação Automática-AIS em argumentos sobre custo e ameaça, naturalizando decisões de desvio de frota.

As autoras (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019) historicizam quatro fases da imagem científica: representação mimética, objetividade mecânica, interpretação e inspiração. A fase da objetividade mecânica, associada à fotografia oitocentista, sedimenta a crença de que a máquina “transpõe” a realidade para o papel, eclipsando a intervenção humana; já na etapa

¹ Painéis digitais interativos que agregam múltiplas visualizações (gráficos, mapas, indicadores numéricos) em um mesmo *layout*, permitindo monitorar dados em tempo (quase) real, aplicar filtros dinâmicos e realizar análises. A metáfora deriva do “painel de instrumentos” de veículos e aeronaves, reforçando a ideia de controle e tomada de decisão rápida baseada em sínteses visuais.

atual, a explosão de sensores e satélites gera “turbulências epistêmicas” em que diferentes ontologias competem pela autoridade do visível (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019).

Infográficos sobre o Mar Vermelho exemplificam tal disputa: a mesma imagem serve ora à narrativa de “segurança da navegação”, ora à de “resistência anti-imperialista”, dependendo de quem a publica, e de quais camadas são destacadas.

2.3 Dupla dimensão referente/olhar na paisagem

Bobato e Fraga (2016) alertam que a fotografia é, ideologicamente, o olhar do pesquisador sobre a realidade estudada. Essa proposição funda a noção de dupla dimensão referente/olhar: a imagem mostra o objeto e, simultaneamente, expõe a posição epistemológica de quem o capta. Tal compreensão desloca o infográfico de mero suporte ilustrativo para ator semiótico que participa da produção do espaço geográfico.

Os autores também salientam que, na tradição da Geografia, representações imagéticas acompanharam a própria institucionalização da disciplina, de Humboldt a Vidal de la Blache (BOBATO; FRAGA, 2016). Assim, todo produto visual implica seleção de escala, legenda e recorte temporal que afetam a leitura da paisagem. No caso do Canal de Suez, optar por uma projeção centrada no estreito, ampliar a simbologia de mísseis ou adensar cores de perigo altera radicalmente a hierarquia de atores percebidos, reforçando o argumento de Bobato e Fraga de que ver já é interpretar.

Além disso, ao refletirem sobre a prática fotográfica em trabalhos de campo, os autores advertem que a imagem não é “o começo nem o fim” da reflexão, mas um meio que demanda filtragem crítica para não reificar estereótipos (Bobato; Fraga, 2016). Transposta aos *dashboards* logísticos, tal advertência recomenda cautela frente a visualizações que traduzem fluxos globais em métricas unidimensionais de atraso ou sobrecusto, obscurecendo relações histórico-políticas mais amplas.

2.4 Magia, imaginação e textualidade antropológica

Novaes (2008) propõe que a imagem ativa formas de saber não lineares, atravessadas por magia, imaginação e afetos, exigindo do pesquisador estratégias narrativas que acolham ambiguidade. Em *Imagem, magia e imaginação* (2008), a autora argumenta que visualizar não é apenas representar, mas performar realidades possíveis. Transpondo a reflexão da autora para o objeto de análise do presente artigo, acredita-se que, no estudo de infográficos, isso significa reconhecer zonas de indeterminação onde cores quentes sugerem perigo, setas grossas insinuam urgência e animações em *loop* mantêm a atenção do usuário.

Ao articular antropologia visual e geopolítica, torna-se imprescindível integrar as reflexões de Novaes (2008), que recorda como tais performances mobilizam o corpo do observador, seu ritmo ocular, suas emoções e seus hábitos culturais. Desse modo, investigar a crise do Mar Vermelho implica também indagar como lemos os mapas na tela, de onde os contemplamos e com quais expectativas os avaliamos. Essa perspectiva completa o arcabouço teórico delineado por Mondzain (2016), Rodrigues e Oliveira (2019) e Bobato e Fraga (2016), ampliando a compreensão dos regimes de visibilidade que sustentam as narrativas geopolíticas em disputa.

3 METODOLOGIA

Este artigo adota uma via qualitativa de inspiração semiótico-cartográfica. Parte-se da observação de Bobato e Fraga (2016) de que todo suporte visual (mapa, fotografia ou infográfico) carrega simultaneamente o referente representado e o gesto de quem o produz. Por conseguinte, a análise busca articular, num mesmo movimento, o fato geopolítico (o desvio dos navios no Mar Vermelho), o arranjo gráfico que o torna visível e o enquadramento discursivo em que a imagem circula.

O *corpus* restringe-se a duas peças que dominaram a cobertura internacional durante a interrupção de tráfego no Canal de Suez, em janeiro de 2024: o infográfico da *Reuters*, que superpõe num globo centrado em Bab-el-Mandeb a rota “normal” em azul e o desvio meridional em laranja, acompanhado de um quadro comparativo de tempo e distância; e o infográfico do *Brasil de Fato*, que apresenta o mesmo par de trajetos em preto e vermelho sobre fundo hemisférico, acrescentando um recorte ampliado do estreito iemenita. A coincidência estrutural (globo focalizado no corredor Mar Vermelho-Suez e traçado simultâneo de duas alternativas marítimas) fornece a base de comparação.

O percurso interpretativo desenvolve-se em quatro etapas encadeadas. Primeiro, descrevem-se as camadas gráficas de cada peça (cartografia de fundo, linhas de rota, códigos cromáticos, rótulos topográficos), distinguindo operações denotativas (localizar Singapura, Roterdã, Canal de Suez) e conotativas (sugerir maior ou menor esforço logístico). Em seguida examina-se o jogo de escalas e enquadramentos: a passagem do globo completo ao detalhe do estreito, no caso do *Brasil de Fato*, ou a ausência de qualquer *close-up* na arte da *Reuters*, que prefere o impacto panorâmico. O terceiro momento foca o tratamento cromático e a hierarquia visual, verificando de que modo a espessura das linhas, o contraste azul × laranja ou preto × vermelho e a sobreposição de caixas de texto orientam a leitura para a noção de “desvio” e de “custo”. Por fim, avalia-se a performatividade da imagem, entendida com Novaes (2008)

como potência de convocar afetos e predispor ações; nessa chave, observa-se como o círculo laranja que contorna a rota atlântica da *Reuters* ou o vermelho incisivo sobre o Cabo da Boa Esperança no *Brasil de Fato* dramatizam a ideia de prolongamento e perigo.

Para reduzir a margem de arbitrariedade inerente a todo exercício hermenêutico, a autoria deste artigo seguiu um protocolo de descrição minuciosa replicável, confrontando independentemente suas anotações e apoiando-se em bibliografia que discute mapas enquanto “dispositivos de inscrição” (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019).

Com esses fundamentos metodológicos, a seção seguinte reconstrói em perspectiva histórica os regimes de visibilidade que informam a atual cartografia de crise, da iconografia bizantina aos painéis interativos contemporâneos.

4 HISTÓRIA DO OLHAR GEOGRÁFICO

4.1 De Humboldt a Vidal de La Blache: os alicerces iconográficos da Geografia

Desde as expedições naturalistas de Alexander von Humboldt e Carl Ritter até a consolidação da escola francesa de Paul Vidal de La Blache, as imagens foram parte constitutiva do saber geográfico. Bobato e Fraga (2016) lembram que esses autores construíram os alicerces necessários para a edificação de uma geografia científica, amparados em mapas, gravuras e croquis que acompanhavam viagens e descrições regionais. Ao situar espécies, climas ou personalidades regionais, tais representações inauguraram uma tradição em que ver e escrever passaram a caminhar juntos na produção do conhecimento espacial.

A própria prática de campo de Humboldt, que levava um time de ilustradores para fixar paisagens e espécies, exemplifica a centralidade dada ao registro visual na consolidação da Geografia como ciência moderna.

4.2 Do desenho de viagem à fotografia e ao infográfico (séculos XVI–XXI)

Rodrigues e Oliveira (2019) descrevem uma primeira fase em que desenho e aquarela eram a única forma de transportar terras e naturezas recém-descobertas para a Europa; pilar dessa etapa é o mapa *Terra Brasilis* de 1519, produto direto das expedições marítimas quinhentista.

Com o avanço tecnológico do século XIX, inicia-se a fase da “objetividade mecânica”, marcada pela fotografia, que cristaliza a crença de que a máquina poderia registrar a realidade sem mediações humanas (RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019). A cronologia fotográfica, do

daguerreótipo (1839) às câmeras portáteis Kodak (1888), expandiu o alcance das imagens e alimentou a ideia de prova visual, base do fotojornalismo contemporâneo.

No século XXI, *dashboards* interativos e infográficos digitais reconfiguram essa linhagem: satélites, Sistema de Identificação Automática-AIS e bases de dados em tempo real permitem sobrepor rotas, riscos e estatísticas num único quadro dinâmico, atualizando o repertório iconográfico iniciado nos esboços de viagem.

4.3 Perspectiva crítica latino-americana: fotografia, território e denúncia

A valorização das imagens não se limita ao Norte global. Bobato e Fraga (2016) recordam o trabalho do geógrafo francês Pierre Monbeig no Brasil da década de 1940, cujas fotografias revelaram conflitos agrários, processos de urbanização e transformações ambientais, evidenciando realidades pesquisadas invisíveis nos discursos oficiais. Tais registros, ao mesmo tempo documentais e interpretativos, antecipam o uso da imagem como ferramenta crítica na Geografia latino-americana, preocupada em denunciar assimetrias socioespaciais.

Bobato e Fraga (2016) destacam que a fotografia jamais é um mero apêndice ilustrativo, pois carrega inevitavelmente o ponto de vista ideológico de quem a produz. Isso vale, hoje, para os infográficos sobre o Mar Vermelho: decisões gráficas aparentemente neutras, como a paleta cromática empregada, as setas que indicam rotas alternativas ou a ênfase visual dada a determinadas escalas temporais e espaciais, revelam escolhas políticas subjacentes que moldam a leitura do conflito.

Ao longo desses três movimentos históricos, dos mapas renascentistas às visualizações de dados em tempo real, o olhar geográfico transformou-se, mas manteve a imagem como eixo articulador entre experiência, método e poder de representação. Essa trajetória oferece o pano de fundo necessário para compreender, nas seções seguintes, como os infográficos contemporâneos operam na disputa de sentidos sobre a crise do Mar Vermelho/Canal de Suez.

5 ESTUDO DE CASO: CRISE DO MAR VERMELHO / CANAL DE SUEZ

5.1 Contexto geopolítico da crise

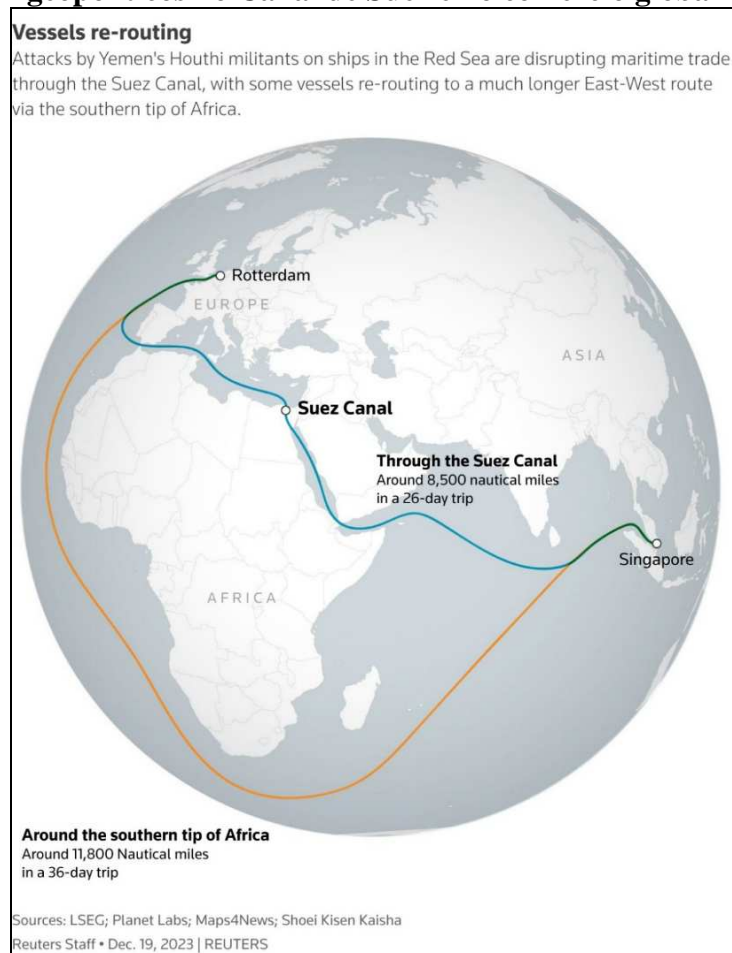
Em janeiro de 2024, a Maersk anunciou o desvio de toda a sua frota para a rota do Cabo da Boa Esperança depois que um de seus navios foi atacado por militantes houthis no Mar Vermelho. A mudança acrescenta cerca de 10 dias às travessias e eleva os custos de combustível e tripulação, estimados em até US\$ 1 milhão por viagem. Além do impacto

econômico, o redirecionamento reacendeu temores inflacionários na Europa e expôs a vulnerabilidade de uma rota que movimenta um terço do comércio global de contêineres.

Do ponto de vista político-militar, a cobertura do *Brasil de Fato* identifica os houthis como parte do Eixo da Resistência (aliança informal com Hezbollah e Irã) e situa os ataques dentro de uma dinâmica regional de solidariedade à causa palestina. Pesquisadores ouvidos pelo veículo divergem quanto à possibilidade de regionalização do conflito, mas convergem em apontar a dimensão simbólico-estratégica do controle desse corredor marítimo.

5.2 Descrição técnico-gráfica da Figura 1 (Reuters)

Figura 1 – Reconfiguração das rotas marítimas entre Singapura e Rotterdam: impactos geopolíticos no Canal de Suez e no comércio global



Fonte: REUTERS STAFF. Maersk diverts vessels away from Red Sea for foreseeable future. Reuters, 05 jan. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/maersk-diverts-vessels-away-red-sea-for-foreseeable-future-2024-01-05/>. Acesso em: 27 jul. 2025.
Fontes técnicas: LSEG; Planet Labs; Maps4News; Shoei Kisen Kaisha².

² Shoei Kisen Kaisha: crédito herdado de infográfico sobre o Canal de Suez (Ever Given, 2021) — mantido pela Reuters.

A Figura 1 exibe um globo em projeção ortográfica, centrado no eixo África-Ásia-Europa, sobre o qual se traçam duas rotas curvas que ligam Singapura a Rotterdam:

- Linha azul-esverdeada atravessando o Mar Vermelho e o Canal de Suez (*≈8500 milhas náuticas; 26 dias*);
- Linha alaranjada contornando o cabo da Boa Esperança (*≈11800 milhas náuticas; 36 dias*).

Elementos-chave:

- Camadas: cartografia base sombreada em cinza; rotas desenhadas sem setas, apenas o traçado contínuo das linhas curva; marcadores de posição (“Singapore”, “Suez Canal”, “Rotterdam”).
- Escala: global parcial, enfatizando a bacia Indo-Atlântica; não há *inset*³ separado.
- Paleta cromática: contraste binário azul × laranja que diferencia a rota curta (via Suez) da rota longa (via sul da África). Não há gradação vermelha de risco.
- Texto: título “*Vessels re-routing*” seguido de *lead*⁴ explicativo; não existe gráfico de barras nem *box-callout*⁵ de frete, a informação de distância/duração aparece como legendas ao longo das rotas.

Do ponto de vista semiótico, o contraste de cor azul × laranja opera como código de eficiência *versus* custos adicionais, enquanto o uso de um globo 3D sugere totalidade planetária, reforçando a ideia de repercussão global do desvio marítimo. A ausência de setas ou ícones alarmistas torna a peça mais neutra do que descrito inicialmente, embora ainda privilegie a narrativa logística-econômica da *Reuters*.

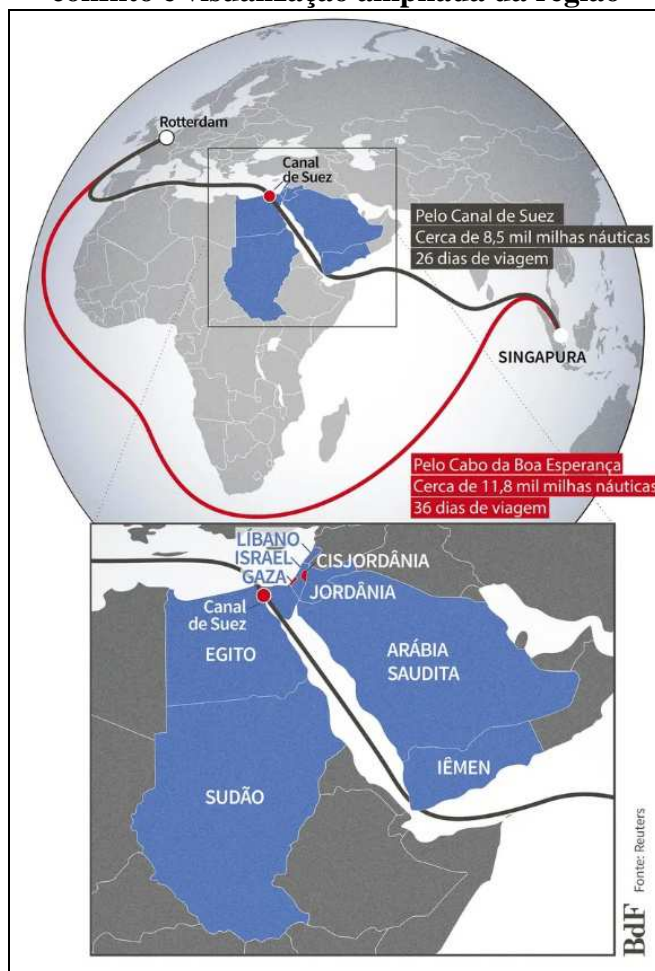
³ No jargão cartográfico e do design editorial, refere-se a um pequeno mapa auxiliar, encaixado dentro da composição principal, destinado a (1) ampliar uma área específica ou (2) situar o recorte principal em escala mais ampla.

⁴ No jornalismo, é o parágrafo (ou bloco inicial) que condensa o essencial da notícia ou do artigo, respondendo de forma sucinta às perguntas-chave “o quê, quem, quando, onde, como e por quê”. Funciona como convite e guia de leitura, oferecendo ao público um quadro rápido do tema antes do desenvolvimento detalhado do texto.

⁵ Recurso gráfico (retângulo ou balão destacado) usado para isolar informação-chave dentro de um infográfico ou dashboard. No jornalismo econômico costuma abrigar cifras de frete, variações percentuais ou alertas de risco, chamando a atenção do leitor sem interferir no fluxo principal do mapa ou gráfico.

5.3 Descrição técnico-gráfica da Figura 2 (*Brasil de Fato*)

Figura 2 - Adaptação geopolítica da crise no Mar Vermelho: rotas marítimas, zonas de conflito e visualização ampliada da região



Fonte: BRASIL DE FATO. Grupo do Iêmen e EUA se atacam no Mar Vermelho: guerra está se expandindo pelo Oriente Médio? 15 jan. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/15/grupo-do-iemen-e-eua-se-atacam-no-mar-vermelho-guerra-esta-se-expandindo-pelo-oriente-medio/>. Acesso em: 27 jul. 2025. Créditos da imagem original: REUTERS STAFF. Maersk diverts vessels away from Red Sea for foreseeable future. Reuters, 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/maersk-diverts-vessels-away-red-sea-for-foreseeable-future-2024-01-05/>.

A peça reutiliza o globo ortográfico da *Reuters*, mas sobrepõe duas rotas:

- traçado preto via Canal de Suez (*≈8500 milhas náuticas; 26 dias*);
- traçado vermelho via cabo da Boa Esperança (*≈11800 milhas náuticas; 36 dias*).

Um retângulo de detalhe destaca o eixo Egito–Iêmen. Dentro dele, países da margem oriental do Mar Vermelho e do Levante aparecem em azul-cobalto (Iêmen, Arábia Saudita, Egito, Sudão, Jordânia, Israel/Palestina, Líbano, Cisjordânia e Síria), enquanto o fundo cinza é mantido para as demais áreas. As legendas, em boxes cinza (rota curta) e vermelho (rota longa), sintetizam tempo e distância de cada trajeto. O logotipo vertical “BdF” sinaliza a autoria da adaptação. Elementos-chave:

- Camadas: cartografia base sombreada; rotas em linhas contínuas; retângulo-*zoom* com fronteiras e toponímia em versalete.
- Escala: global parcial + *zoom* regional que reforça a posição estratégica do Canal.
- Cromática: contraste preto × vermelho para eficiência/sobrecusto; azul para países-chave, suscitando leitura político-econômica sem recorrer a gradientes de risco.
- Texto: sem boxes narrativos sobre houthis ou Hezbollah; apenas etiquetas de distância/tempo e toponímia dos países.

Do ponto de vista semiótico, o vermelho contínuo enfatiza o desgaste logístico da rota africana, enquanto o *zoom* regional visualiza os Estados afetados, sugerindo impacto geopolítico mais amplo apesar da ausência de simbologia bélica.

5.4 Conexão entre elementos visuais e narrativas jornalísticas

A *Reuters* mantém foco corporativo-logístico, realçando custos e prazo, já o *Brasil de Fato* acrescenta escala política ao introduzir o *zoom* que evidencia Egito, Iêmen, Arábia Saudita e o arco Levante–Sudão. Mesmo sem ícones militares, o uso do vermelho para a rota desviada e o destaque cromático dos Estados implicados direcionam a leitura para o tabuleiro regional e para as consequências da militarização do estreito.

Na lógica da dupla dimensão referente/olhar (Bobato & Fraga, 2016), ambas as figuras revelam as intenções de quem as produziu: a *Reuters* sustenta uma narrativa de eficiência econômica, enquanto o *Brasil de Fato* amplia o quadro ao indicar os Estados envolvidos. Essa diferença confirma que a imagem atua como ator semiótico; ao mesmo tempo, dialoga com Mondzain (2016) sobre o poder de controlar o visível e recupera, em Novaes (2008), a ideia de que qualquer visualização mobiliza corpo e expectativas do observador, ainda que esses autores não tratem especificamente de geopolítica em suas obras originais.

6 DISCUSSÃO

6.1. Convergências entre teoria e evidências empíricas

A análise das Figuras 1 e 2 confirma a premissa central de Mondzain (2016) de que toda imagem opera dentro de um regime de visibilidade regulado por interesses de poder. Na peça da *Reuters*, prevalece a lógica da eficiência econômica: o traçado azul-esverdeado constrói a rota via Suez como caminho natural, ao passo que a linha alaranjada dramatiza o sobrecusto logístico do desvio. Já a adaptação do *Brasil de Fato* introduz um *zoom* sobre Egito, Iêmen e Arábia Saudita, revelando que a disputa em torno do estreito ultrapassa o

universo corporativo, o que reafirma a advertência de Bobato e Fraga (2016) sobre a dupla dimensão referente/olhar: o que se mostra também expõe a posição epistêmica de quem mostra.

Rodrigues e Oliveira (2019) descrevem a imagem científica como dispositivo de inscrição apto a transformar dados dispersos em prova. Ambas as figuras cumprem esse papel: número de dias e milhas náuticas, ancorados em rotas cromaticamente opostas, estabilizam argumentos sobre risco e custo; o retângulo de detalhe do *Brasil de Fato* condensa a relevância geopolítica do Canal ao posicionar países-chave em azul-cobalto. Esse arranjo visual legitima rapidamente interpretações complexas, reforçando o poder de síntese apontado pelas autoras.

Por fim, a dimensão sensorial ressaltada por Novaes (2008) emerge com clareza: cores vivas e a representação tridimensional do globo mobilizam afeto e imaginação, convertendo trajetórias marítimas em experiências quase táteis do espaço. As imagens não apenas informam, mas performam a crise, influenciando percepções de urgência e escala.

6.2. Tensionamentos: objetividade, persuasão e verdade cartográfica

Os dois infográficos materializam a tensão entre pretensão de objetividade e função persuasiva. No caso da *Reuters*, a aparência neutra deriva da redução do quadro geopolítico ao cálculo de percurso e de tempo. A predominância de tons frios transmite segurança, alinhando-se ao *ethos*⁶ corporativo que privilegia eficiência sobre conflito. Entretanto, a própria escolha de focar apenas Singapura, Suez e Rotterdam silencia outros portos asiáticos e europeus, evidenciando a seletividade do visível.

O *Brasil de Fato*, ao contrário, empurra o leitor para uma interpretação crítica ao destacar atores estatais do entorno do Mar Vermelho. A utilização do vermelho, cor classicamente associada a perigo, dramatiza a rota alternativa e sugere escalada bélica. O recorte, porém, também é parcial: ao não inserir ícones militarizados ou bases navais, a peça minimiza o papel de atores ocidentais, tensionando a noção de imparcialidade. Esses movimentos validam a leitura de Mondzain (2016) sobre a produção de olhares idólatras quando a dialética mostrar/interpretar se quebra.

⁶ O termo *ethos* (do grego ἦθος, “caráter”, “modo de ser”) designa o conjunto de valores, princípios e disposições que orientam a conduta de um indivíduo ou de um grupo. No contexto empresarial, fala-se em *ethos corporativo* para indicar a cultura organizacional que legitima práticas, discursos e decisões estratégicas, aquilo que a empresa “é” e “parece ser” aos olhos de seus públicos internos e externos.

6.3 Implicações para a leitura crítica de crises geopolíticas

Os achados indicam que o poder epistêmico dos infográficos se manifesta em três mecanismos articulados. Primeiro, a seleção e a hierarquização de camadas visuais (linhas, cores, legendas) privilegiam certos atores, escalas e temporalidades, tornando invisíveis outras dimensões do conflito. Em seguida, a naturalização de métricas transforma dias de atraso ou milhas náuticas percorridas em códigos cromáticos que fixam parâmetros de eficiência ou ameaça, sem que se debatam publicamente os critérios que lhes dão suporte. Por fim, a ativação de afetos, gerada por paletas específicas e pelo uso de formas curvas que projetam o globo, desperta emoções que sedimentam interpretações políticas, convertendo dados logísticos em narrativas de risco ou de oportunidade.

Para a Geografia crítica das imagens, isso implica incorporar rotinas de alfabetização visual no ensino e na pesquisa: ler mapas interativos requer tanto familiaridade cartográfica quanto sensibilidade semiótica e ética. No plano prático, jornalistas e analistas devem explicitar procedimentos de elaboração de infográficos, mitigando o risco de reprodução inadvertida de agendas políticas.

7 CONCLUSÕES

A investigação demonstrou que os infográficos analisados não são meros artefatos ilustrativos, mas verdadeiros operadores de sentido que articulam economia, política e imaginação na disputa por significados sobre o Canal de Suez. No caso da *Reuters*, a rota em azul-esverdeado converte a travessia pelo Mar Vermelho em percurso “natural” e eficiente, enquanto o traçado laranja projeta o contorno do cabo da Boa Esperança como punição financeira e temporal. Essa oposição cromática materializa aquilo que Mondzain (2016) denomina “regime de visibilidade”: a imagem torna-se coextensiva ao discurso logístico, legitimando decisões empresariais ao delimitar o que deve ser visto e, sobretudo, o que pode permanecer oculto. Por meio desse enquadramento, a cobertura corporativa converte o Canal de Suez em índice universal de racionalidade econômica, silenciando os conflitos sociopolíticos que sustentam o gargalo.

A adaptação publicada pelo *Brasil de Fato*, por sua vez, reorienta o foco para as geografias do conflito ao destacar Egito, Iêmen e Arábia Saudita em azul-cobalto, aproximando a crise marítima de controvérsias territoriais mais amplas. Essa escolha reforça a advertência de Bobato e Fraga (2016) de que toda imagem carrega em si a perspectiva do observador; ver é, simultaneamente, interpretar e posicionar-se. A incorporação do *zoom*

regional não apenas acrescenta densidade política ao mapa global, mas também desloca o epicentro do debate para sujeitos e territórios frequentemente periféricos nos relatórios corporativos. Aqui, a dupla dimensão referente e olhar ganha relevância: o objeto representado (a rota desviada) e o sujeito que o representa (o veículo de imprensa crítico) fundem-se num mesmo ato de enunciação espacial.

Rodrigues e Oliveira (2019) lembram que dispositivos de inscrição transformam dados dispersos em argumentos estabilizados dentro de uma economia de prova. Nos dois infográficos, distâncias náuticas, prazos de travessia e legendas codificadas atuam como marcadores de autoridade, convertendo contingências bélicas em métricas aparentadas ao cálculo de custo-benefício. Tal processo evidencia a força performativa da imagem: o que se apresenta como neutralidade gráfica participa, de fato, da produção de verdades logísticas e de diagnósticos de risco que orientam mercados de frete, estratégias militares e percepções públicas.

Por fim, retomando Novaes (2008), é preciso reconhecer que essas visualizações também mobilizam o corpo e o afeto do observador, despertando medo, urgência ou até indiferença conforme a paleta, a escala ou a forma do traçado. Ao performarem realidades possíveis, os infográficos ampliam o alcance da crise do Mar Vermelho para além do noticiário especializado, fomentando debates sobre segurança energética, comércio global e soberania regional. Nesse sentido, o estudo confirma que a imagem é, antes de tudo, ato político: ela cria condições de visibilidade, estabiliza argumentos científicos e convoca imaginários que moldam decisões de governo, de empresas e de cidadãos. Reconhecer essa tessitura é condição essencial para qualquer prática crítica de leitura cartográfica, seja na academia, seja no jornalismo, seja na formação de novos geógrafos.

Em suma, as imagens detêm um poder explosivo, pois, ao mesmo tempo que revelam, podem eclipsar; ao mesmo tempo que iluminam, lançam sombras. Quem as produz dirige o foco, quem as consome precisa acender a própria lanterna crítica, caso contrário, continuará enxergando apenas o recorte que lhe foi entregue.

REFERÊNCIAS

BOBATO, Z. L.; FRAGA, N. C. Iconografias geográficas na paisagem: o uso de imagens fotográficas na pesquisa acadêmica enquanto metodologia qualitativa. In: CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; FREITAS, Andreza Rocha de (org.). **Tecnologias geográficas: o uso de diferentes metodologias na produção do conhecimento geográfico**. 1. ed. Curitiba: Editora CVR, 2016. v. 1, p. 127-152.

BRASIL DE FATO. **Grupo do Iêmen e EUA se atacam no Mar Vermelho:** guerra está se expandindo pelo Oriente Médio? 15 jan. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/01/15/grupo-do-iyemen-e-eua-se-atacam-no-mar-vermelho-guerra-esta-se-expandindo-pelo-orient-medio/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MONDZAIN, M.-J. Imagem, sujeito, poder: entrevista. Tradução de Vinícius N. Honesko. **Outra Travessia**, Universidade Federal de Santa Catarina, 2.º sem. 2016, p. 175-191. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2016n22p175>. Acesso em: 27 jul. 2025.

NOVAES, S. C. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 455–475, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/jGbgpVMwvRTfyvVSXV4Vqmt/?format=pdf>. Acesso em: 27 de Jul. 2025.

REUTERS STAFF. **Maersk alerta para grandes interrupções ao desviar navios do Mar Vermelho.** Reuters, 5 jan. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/maersk-diverts-vessels-away-red-sea-for-foreseeable-future-2024-01-05/>. Acesso em: 27 jul. 2025.

RODRIGUES, R; OLIVEIRA, T. S. Imagens que produzem conhecimentos. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, e186124, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WT6fLHxK7SVDvKBPh8th3nG/?lang=pt>. Acesso em: 27 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31199200>.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

BOBATO, Z. L. O Poder das Imagens e das Narrativas Visuais: Geopolítica da Crise no Canal de Suez/Mar Vermelho. **Rev. FSA**, Teresina, v. 22, n. 8, art. 7, p. 112-127, ago. 2025.

Contribuição dos Autores	Z. L. Bobato
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X